

**Simpósio: Imagens da Cultura Amazônica  
nas Artes: a metáfora em vez do *locus***

por Teresinha Rodrigues Prada Soares

O simpósio “Imagens da Cultura Amazônica nas Artes: a metáfora em vez do *locus*”, ocorreu na 61.<sup>a</sup> Reunião Anual da SBPC, em Manaus, no dia 15 de julho de 2009, com a participação de três integrantes da Sociedade Científica de Estudos da Arte – CESA: Dilma de Melo Silva (USP), Mário Lima Brasil (UnB) e Teresinha Prada (UFMT). Cada vez mais os temas culturais vêm sendo tratados com destaque na SBPC e reconhecidos como produção de conhecimento intelectual e de caráter científico, fruto da luta de núcleos de pesquisa voltados para a Arte.

Com um tema geral enfocando o uso da cultura amazônica como material da produção artística, os três palestrantes desse simpósio apresentaram suas perspectivas sobre o assunto. Todos apontaram que ao longo da história brasileira, duas frentes de luta se estabeleceram: a visão etnocêntrica do eixo dominante em desacordo com uma realidade sem visibilidade, nomeada como *subalterna*, mesmo sendo essa a verdadeira procedência de uma cultura amazônica.

O alcance da Arte por meio da metáfora é reconhecido e não se configura um problema, é mais uma elucidação formal de como se estabelecem conexões, veios condutores entre artista e público, mas existem níveis diferentes de alusões que ora pendem para metáforas ora para clichês – e aqui sim está um problema. Um excesso de diluição da metáfora em favor de uma rápida difusão pode muito bem comprometer a sua origem, o seu *lócus* fica perdido numa torrente de comparações basais.

A professora Dilma de Melo Silva, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, abriu os trabalhos enfocando os mitos amazônicos, de como o pensamento renascentista contagiou, por muito tempo, a visão de uma terra longínqua do centro europeu como algo de fantástico, povoado por seres extraordinários, criados pelo medo, preconceito e desconhecimento da área. O próprio nome Amazônia já remonta ao mito grego das mulheres guerreiras e muitos relatos estouvados davam conta da existência de um modo de vida lascivo e bárbaro. A visão estereotipada da região perdura mesmo hoje, aplacada pelo tempo, mas ainda com muitas distâncias a encurtar. Como exemplo, a palestrante mostrou recentes incursões de *designers* em eventos internacionais de moda que reconhecem a demanda de uma tendência *etno* e um enorme interesse pela Amazônia e seus povos, porém, em vez de uma relação criativa, prosseguem na utilização de clichês, aliando um traçado pós-moderno a antigos conceitos,

misturando conjuntos étnicos amazônicos em uma estilização reducionista que se diz cultura amazônica, que se diz brasileira.

Prosseguindo nessa linha de pensamento, o professor Mário Lima Brasil, do departamento de Música da UnB, relatou dados estatísticos de uma pesquisa sua sobre o contexto das óperas encenadas no “Festival Amazonas de Ópera”, que há 13 anos acontece no Teatro Amazonas. O professor ressaltou a necessidade de uma maior presença da produção brasileira, que vem se apresentando de maneira muito tímida, ainda pequena se comparada ao balanço geral, e apontando a necessidade de uma ênfase no repertório brasileiro para esse tipo de evento na Amazônia, mesmo porque já existem muitas obras brasileiras para serem apresentadas. Como exemplo, trouxe trechos de sua ópera *Aquiry*, encenada em 2004, em Rio Branco (Acre) e Belém (PA), em que relatou como foi o processo de montagem e de como tratou o assunto amazônico em uma produção operística.

A professora Teresinha Prada, do curso de Música da UFMT, teve sua fala voltada para o tratamento dos temas amazônicos na música brasileira de concerto, enfocando especialmente os compositores da vertente contemporânea, em recente produção. O que a professora chamou de “metáforas da Amazônia na Música Brasileira de Concerto” pode ser compreendido em três conteúdos para o tratamento do material amazônico na música de concerto. O primeiro, numa fase inicial, que trabalhou muito o Folclore; o segundo, a grandiosidade do território amazônico; e o terceiro, atual, a Amazônia e o meio ambiente, tendo na morte de Chico Mendes, em 1988, uma espécie de divisor de águas no tratamento do assunto amazônico também nas Artes.

O público presente debateu com os conferencistas a questão central do simpósio, da necessidade de se ter a produção brasileira nas Artes no mesmo patamar de apoio e divulgação das já reconhecidas e tradicionalmente admitidas produções estrangeiras.

## **AS METÁFORAS DA AMAZÔNIA NA MÚSICA BRASILEIRA DE CONCERTO**

Brasil e Amazônia - uma associação de idéias que não se desfaz, um quase sinônimo para muitos, uma marca de nossa grandiosidade, mas também de como (mal)tratamos nosso patrimônio. A maneira como a Amazônia é percebida pelos artistas brasileiros não ocupa mais o espaço pueril do grosseiro ufanismo ao qual esteve ligada no passado. Grandes mudanças solicitam, cada vez mais, grandes autores que toquem a questão, impassíveis em sua tarefa de alcançar onde ninguém conseguiu atingir ainda, em falar além da fatídica estatística – esse papel pertence aos artistas, naquilo de não ser obrigatoriamente exato, mas cabal em sua visão. Da

tragédia de Chico Mendes, mundialmente conhecida, percebeu-se um divisor de águas no assunto Amazônia; Literatura e Artes Visuais parecem ter saído à frente. Falamos da Música.

Como dissemos, mudanças significativas deveriam estar ocorrendo desde a morte de Chico Mendes, porém grandes avanços parecem ser seguidos de outros tamanhos retrocessos e, assim, de altos e baixos o assunto Amazônia é (des)tratado vez e outra. Da Música Popular (Industrial) Brasileira, cabe-lhe o defeito, pelo visto congênito, de se apropriar do recôndito e travestí-lo de típico, obrigatoriamente exótico, estilizado em antiquados padrões de mercado, decididos por ninguém sabe quem, de dentro de um escritório em outros continentes. Não se pode aceitar por que a Arte não é oferecida à população, só o Entretenimento.

Da Música Brasileira de Concerto surge um surpreendente esteio. Como criam e como representam em música uma cultura tão diversificada como é a amazônica? Do *boto* de Waldemar Henrique à floresta verde e gigantesca de Villa-Lobos, o que andam fazendo hoje os compositores da chamada música erudita a respeito da Amazônia?

Em Arte, necessita-se escolher os materiais que se vai trabalhar; se da Amazônia, sua dimensão, seus povos, suas culturas... Foi assim que, do folclore nasceram os primeiros temas para abordar a Amazônia na Música e do fascínio de suas imensas florestas fizeram sinfonias e concertos.

É preciso acreditar no alcance da Arte pelo uso da metáfora para se estabelecer como a Amazônia é percebida pelos artistas brasileiros. O que usam como material? Que escolhas fazem? E quanto pesam ideologia e momento histórico para suas escolhas? Como criam e como representam em música uma cultura tão diversificada como é a amazônica?

De todos os trabalhos, chama a atenção o de Heitor Villa-Lobos. Sua maior produção em se falando de Amazônia foi a incursão que fez como o compositor da trilha sonora para *Green Mansions* (1959), em Hollywood. Tratar da Amazônia em uma produção *hollywoodiana* dos anos 50 significa carregá-la de simbolismos de época, clichês, visão do colonizador versus índio, política da boa vizinhança... Embora seu nome apareça nos créditos do filme, Villa-Lobos não se enquadrou no padrão hollywoodiano e se retirou da empreitada. No mesmo ano, ele grava com a soprano Bidu Sayão e orquestra, em Nova York, a versão que queria para a trilha do filme, intitulada por ele *Floresta do Amazonas*. Na verdade, tendo a Amazônia como pano de fundo, vê-se o conflito da produção de uma ideologia e a manifestação cultural do porte de um Villa-Lobos indo em direção contrária, extremamente individualista, mas com a cara do Brasil (do Brasil dele).

Se colocarmos como marco histórico mundial a chamada “nova ordem mundial”, pós-queda do Muro de Berlim e os re-arranjos das relações internacionais, aqui no Brasil estabeleceu-se uma visão de Amazônia pós-Chico Mendes, cuja principal tradução é a palavra “devastação”.

Assim, se no passado tivemos a metáfora da Amazônia proveniente de seu folclore e mitos, até em seu nome de origem (amazonas), passamos à enaltecida grandiosidade verde, o “pulmão do mundo”, e hoje temo-la como um paraíso em vias de extinção.

Por iniciativa de dois intérpretes brasileiros radicados na Alemanha, Renato Mismetti (barítono) e Maximiliano de Brito (piano), um ambicioso encontro de compositores da área erudita, envolvendo o tema Amazônia foi realizado em 2003. Intitulado “Vozes do Inferno Verde - Amazônia Deslendada”, foram apresentados concertos nas cidades de Potsdam, Bayreuth, Würzburg, Bremen, Viena, Munique, Paris, Belém e Manaus só com as obras encomendadas. Os compositores convidados foram: Gilberto Mendes, Marlos Nobre, Jorge Antunes, Ronaldo Miranda, Kilza Setti, Ricardo Tacuchian, Osvaldo Lacerda, a alemã Renate Birnstein e a estadunidense Gloria Coates. As obras compostas são canções com poesias de nomes como Mário de Andrade, Paes Loureiro e Antonio Tavernard. O que se vê é que os compositores interagiram com a poética desses autores amazônicos, sem abdicarem de suas estéticas pessoais.

### **Três fases metafóricas: Folclore, Grandiosidade e Meio ambiente**

A percepção de uma Amazônia pelo seu modo de vida, crenças e hábitos de sua população (outrora tão pujante, devido ao Ciclo da Borracha), fez uso do folclore, lendas indígenas e dos ribeirinhos como a principal fonte para obras da música erudita de então. O exemplo mais conhecido está no balanço da obra de Waldemar Henrique (Belém, 1910-1990), compositor de reconhecimento de crítica pela maneira sensível com que *retratou* a Amazônia. Suas canções são de temática regional e de fácil acesso ao público, em uma “narrativa cabocla” (Aliverti, 2003). Um ciclo em especial, composto entre 1933-34 ilustra bem suas escolhas. São elas: *Foi Bôto*, *Sinhá!*, *Cobra-Grande*, *Tamba-Tajá*, *Matintaperêra*, *Uirapuru*, *Curupira* e *Manha-Nungára*.

O momento de visão de uma Amazônia pela sua dimensão criou um fascínio pelas imensas florestas, em ser ela o “pulmão do mundo”, gerando sinfonias e concertos. Nas Artes, a “Política da Boa Vizinhança” entre Estados Unidos da América e países da América Latina deu maior acesso ao Brasil para mostrar sua produção; foi um momento de grandes incursões de artistas brasileiros em temporadas no estrangeiro. O nome de Heitor Villa-Lobos (Rio, 1887-1959) é comumente lembrado nessa hora, porém é de se notar que o tema Amazônia sempre permeou sua obra composicional, sempre foi grande seu interesse por essa região em especial. Destacamos os exemplos musicais: os bailados *Uirapuru* (1917) e *Amazonas* (1917); *Choros 3* (1925) ; *Choros 10* (1925); *Mandu-Çarará* (1939); *Erosão* (1951); *Floresta do Amazonas* (1958). Em maior ou menor grau, essas obras utilizam ou citam materiais de uma fonte situada como amazônica, ou *pensada como*, principalmente porque Villa-Lobos não era um pesquisador

no sentido rigoroso do termo, e nem viveu o momento de uma posição de atuação da etnomusicologia.

O mais interessante aspecto nesse tema da metáfora da Amazônia na música de concerto, é que Villa-Lobos foi convidado para ser o compositor da trilha sonora para o filme *Green Mansions* (1958/59), em Hollywood, baseado em um livro de W. H. Hudson. É provável que o convite inicial para o compositor carioca tenha nascido pelo sucesso alcançado mundialmente, já ao final dos anos 50, ou ainda para dar uma “autenticidade étnica” à produção, mas o confronto foi inevitável, já que a indústria cinematográfica já houvera montado todo um esquema de produção com os clichês culturais de um negócio comercial de retorno garantido. Só o *trailer* do filme já demonstra as direções contrárias entre a concepção do estúdio e a massa sonora que primava a obra de Villa-Lobos.

Mais recentemente, temos a fase de uma tomada de posição em defesa da Amazônia, de uma consciência ambiental crescente. É grande o número de artistas e obras que passaram do elegíaco à denúncia.

Na música de concerto, um evento em especial chamou a atenção, em 2003, intitulado “Vozes do Inferno Verde - Amazônia Deslendada“, uma idealização de Renato Mismetti e Maximiliano de Brito. As obras compostas se identificam com a metáfora de uma Amazônia como um *paraíso perdido*, que escapa de nossas mãos à custa de um mercado galopante e imediatista. A maior parte das obras apresentadas nesse evento se liga a correntes de estética contemporânea, com uso de atonalismo, efeitos sonoros e cênicos.

O texto das canções também colaborou demais, principalmente os de Paes Loureiro, casando perfeitamente com as tendências musicais apresentadas. Versos como “enforca-se o uirapuru na clave de seu canto” ou “como é difícil falar do belo se há camponeses sangrando” e ainda “o sangue derramado escorre em nossa cara, escarra nas manchetes, borra o vídeo e aponta em nossa mão a herança de Pilatos, em nosso jeans o manto de Pinzon e em nossa embriaguez a água ardente de Anhanguera”.

As três identificações de metáforas para o tratamento da Amazônia na música de concerto – folclore, grandiosidade e meio ambiente – evidenciam a mudança de mentalidade, fruto de uma necessidade inerente à Arte: o fazer artístico dentro de uma sociedade.

A produção atual da música de concerto convive simultaneamente com vários estilos e tendências criadoras individuais e está tratando o assunto Amazônia sem abrir mão de seu caráter extremamente particular, de acesso comunicativo menor e regulado por um arcabouço de sistemas que prescinde de conhecimento prévio, porém isso não faz com que compositores dessa vertente contemporânea acreditem menos na capacidade de discernimento do público do que os *managers* da música popular; estes se pautam na subestimação, enquanto aqueles se arriscam mais à procura de um público diferenciado.

Os signos e as metáforas demonstram uma postura especial que vive por e para ser discrepante do tradicional, às vezes chocante, e nem por isso menos eficiente, menos denunciador ou efetivo em seu papel.

### **Referências Bibliográficas**

ALIVERTI, Márcia Jorge. *Uma visão sobre a interpretação das canções amazônicas de Waldemar Henrique*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2003.

ANDRADE, Mário: *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

LOUREIRO, J.J. Paes. *Deslendario: poesia*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

\_\_\_\_\_. *Obras Reunidas*. São Paulo: Escrituras, volume I, 2001.

MENDES, Gilberto. *Viver sua música: com Stravinsky em meus ouvidos, rumo à Avenida Nevskiy*, São Paulo: Editora Realejo / Edusp, 2008.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1997.

Vídeos disponíveis na rede:

<http://www.youtube.com>

“Amazonisches Triptychon” (excerpts) by Jorge Antunes

Duo Brasileiro performs “Pranto Ocre” by Renate Birnstein

Duo Brasileiro presents Osvaldo Lacerda

Gilberto Mendes – Duo Brasileiro: Mismetti & De Britto

Gloria Coates: Music for “Voices of the green hell”

Kilza Setti: Music for "Voices of the green hell”

Mismetti sings excerpts from “On the way” by Miranda

Renato Mismetti sings “Amazonia Ignota” by Marlos Nobre

Ricardo Tacuchian – Music for “Voices of the Green Hell”

Trailer do filme *Green Mansions*